



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **A destrutibilidade do capitalismo: um diálogo a partir de Mark Fisher, Yuval Harari e Maurice Godelier**

**Nathan Oliveira de Melo<sup>1</sup>; Laurenio Leite Sombra<sup>2</sup>**

1. Bolsista – CNPq/PVIC, Graduando em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [nathan.melo3f@gmail.com](mailto:nathan.melo3f@gmail.com)
2. Orientador, Departamento de ciências humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [lsombra@uefs.br](mailto:lsombra@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** capitalismo, idealidade, destrutibilidade.

### **INTRODUÇÃO**

O capitalismo tardio foi marcado pela expansão das grandes multinacionais, a globalização e o aumento do fluxo de capitais. É também a fase do neoliberalismo, com rompimento dos pactos do pós-guerra, grande poder do capital financeiro e redução do poder dos sindicatos. O capitalismo já não promete sequer um mundo melhor, e ao mesmo tempo cresceu a "desmaterialidade" das avaliações, sai de uma sociedade de disciplinamento direto para uma "cultura de auditoria" com uma espécie de vigilância invisível em métricas de avaliação para todos (SOMBRA, 2022).

É exatamente nesse contexto que surge um "sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele" (FISHER, 2020, p.10). O pensador inglês Mark Fisher chamou isso de "realismo capitalista", numa obra homônima. A expressão "realismo capitalista" já havia sido usada antes falando apenas sobre arte, mas Fisher faz um uso mais amplo falando de uma "atmosfera penetrante, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação — agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando o pensamento e a ação" (FISHER, 2020, p.33).

Apenas ter uma visão crítica sobre o capitalismo não constitui uma ameaça real à sua existência; então o que poderia ser feito para, efetivamente, ameaçá-lo? Fisher continua sua análise afirmando que uma estratégia eficiente nesse sentido consiste em "invocar o Real subjacente à realidade que o capitalismo nos apresenta" (FISHER, 2020, p.35). O capital produz um discurso sobre si mesmo segundo o qual o seu modo de organização socioeconômica é o único que realmente funciona e, portanto, não pode ser superado. No entanto, é possível perceber que, por trás desse discurso, ainda é possível vislumbrar "algo" que o contraria.

Fazendo um esforço para visualizar essas contradições, muitos problemas serão encontrados. Fisher aponta três, aos quais chama de "aporias do realismo Capitalista": (1) a persistência da burocracia, que o capitalismo prometeu não imitar do governo soviético,

e descumpriu a promessa; (2) a catástrofe ambiental, pois o capitalismo é incompatível com a noção de sustentabilidade; (3) a epidemia de doenças mentais, principalmente entre os jovens. Esses são aspectos do preço que a sociedade paga por fingir que o capitalismo é funcional.

Essa maneira de problematizar a suposta inexorabilidade do capitalismo apontada por Fisher é, de fato, muito interessante. Mas também é possível fazer isso por um outro caminho que ele não cogita em sua obra. A naturalidade e inevitabilidade com que boa parte das pessoas encara o capitalismo se deve à falta de uma reflexão aprofundada sobre a imbricação entre os elementos objetivos e intersubjetivos que compõem a realidade social, elas pensam como se os elementos intersubjetivos fossem objetivos e, consequentemente, a construção social capitalista fosse imutável.

O que se entende por objetivo aqui é a materialidade (a natureza, os objetos fabricados pelo ser humano e o seu próprio corpo), e por intersubjetivo, a parte simbólica e imaterial da realidade social (o pensamento e as representações da mente humana). Para pensar sobre os elementos intersubjetivos imateriais é necessário entender sua natureza, por isso esse texto propõe um diálogo entre dois autores: o historiador israelense Yuval Noah Harari e o antropólogo francês Maurice Godelier. Harari chama os elementos em questão de “realidades imaginadas”, e Godelier denomina-os de “realidades ideais” ou “idealidades”.

Segundo Harari, as “realidades imaginadas” incluem noções (antigas ou atuais) mitológicas, religiosas, jurídicas, políticas, econômicas etc. Elas são uma exclusividade da espécie humana, que se tornou capaz de falar sobre coisas intangíveis e viver de acordo com elas (HARARI, 2020, p. 38). Assim, tanto os deuses dos povos da antiguidade quanto as crenças atuais em nações, dinheiro, leis e empresas são elementos que se enquadram na categoria de realidade imaginada.

É interessante apontar algumas inconsistências do pensamento harariano em relação às realidades imaginadas, a mais marcante delas a ideia de que as pessoas cooperam porque acreditam nas mesmas histórias. Para ele, essa crença é o ponto de partida para moldar a forma de pensar, sentir, desejar e agir. No entanto, coisas tão complexas parecem emergir de algo mais profundo do que um mero conjunto de crenças. Os elementos imateriais que integram o mundo humano têm desdobramentos na prática, no cotidiano e na própria construção da materialidade.

Portanto, é razoável pensar em algo muito além da crença em mitos capitalistas (tese epistêmica que se pode depreender da tese de Harari). Como as pessoas estão imersas em várias práticas envolvendo as realidades imaginadas, a relação que se tem com elas não é, meramente, de crença. Pode ser que nunca questionem a si mesmas se acreditam ou não em coisas que parecem tão sólidas em suas vivências quanto o dinheiro, o individualismo e o nacionalismo, por exemplo. O filósofo Wittgenstein, em sua obra *Da Certeza*, faz uma distinção entre saber e certeza (WITTGENSTEIN, 1969, p. 308). As realidades imaginadas existentes no capitalismo são mais tratadas como certezas do que como um saber ou mera crença. Wittgenstein escreve: “as crianças não aprendem que existem livros, que existem poltronas, aprendem a ir buscar livros, a sentarem-se em poltronas etc.” (WITTGENSTEIN, 1969, p. 476). E: “será que uma criança crê que existe leite? Ou sabe que existe leite? Um gato sabe que um rato existe?” (WITTGENSTEIN,

1969, p. 478). De modo semelhante, as pessoas não são ensinadas a acreditar no dinheiro, mas a utilizá-lo.

Outras incoerências de Harari na tentativa de pensar esses elementos imateriais são: tratar como meras narrativas coisas mais complexas e imbricadas na materialidade, conceber um “abismo” entre o objetivo e o intersubjetivo e não explicar claramente outras práticas e narrativas que podem substituir as existentes agora. Portanto, é possível perceber a necessidade de encontrar um outro conceito que consiga enfrentar o problema do realismo capitalista como apresentado por Fisher (2020) sem deixar essas lacunas.

Ainda no caminho de desafiar a aparente inexorabilidade do capitalismo sem subestimar a profundidade do mesmo, olhando pelas lentes da complexa relação entre o ideal e o material, a aposta que se fará a partir de agora é que o conceito de “realidade ideal” de Godelier (1989) ajuda a enfrentar o problema do realismo capitalista sem as inconsistências da “realidade imaginada” de Harari (2020).

O conceito de “realidade ideal”, também chamado de “idealidade”, difere do conceito harariano de “realidades imaginadas”, sobretudo porque, para Harari, as “realidades imaginadas” são “coisas que não existem” (2020, p.29), as “ordens imaginadas [...] só existem em nossa mente” (p. 119) ou “na nossa imaginação” (2016, p.126). Segundo Godelier, uma ideia pode “existir fora do pensamento, na mesma natureza das relações sociais que os homens mantêm entre si e com a natureza” e há “ideias incorporadas” de alguma forma em estruturas sociais duráveis (1989, p. 157). Em Godelier, as idealidades fazem parte não apenas dos conteúdos mentais, mas da prática e da relação social. Por isso, ele afirma que “não devemos confundir ideal com idealista ou imaginário” (1989, p.157), enquanto Harari faz o oposto.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Foi realizada uma pesquisa baseada, sobretudo, nas obras *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo*, de Mark Fisher (2020), *Sapiens: Uma breve história da humanidade*, de Yuval Harari (2020), e *O ideal e o material*, de Maurice Godelier (1989), particularmente o capítulo II, “A parte ideal do real”. Outros textos adicionais foram evocados em diálogo com as obras principais. Vale salientar que essas obras foram lidas em sua dimensão filosófica, entendendo filosofia como um trabalho de conceituar (DELEUZE e GUATTARI, 1992), a partir das leituras foram feitas análises identificando os conceitos e propondo um diálogo entre eles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

É possível perceber que o conceito de idealidade de Godelier não apresenta as inconsistências que aparecem no conceito harariano de ficção. Entretanto, as análises de Godelier dão ênfase às sociedades do período antigo (Mesopotâmia, Egito, Grécia) e medieval, ou seja, sociedades pré-capitalistas. É interessante pensar quais idealidades são fundamentais no capitalismo para tentar enfrentar a questão do realismo capitalista apresentada por Fisher (2020).

Segundo Sombra (2020, p.101), “as ‘idealidades’ principais atribuídas ao capitalismo - [são] o individualismo, o nacionalismo, a primazia do dinheiro, o ideal de multiplicação permanente do valor e um modo particular e dinâmico de perfazer divisões de grupos sociais”.

É interessante pensar em uma substituição de idealidades, que não seria o mesmo que uma troca de narrativa (uma mudança socioeconômica desse porte não vai acontecer de repente porque “uma outra história foi contada” e acreditaram nela), trata-se de pensar em algo muito mais complexo, uma mudança lenta e gradual das “formas capitalistas de viver” (Sombra, 2020, p. 113).

## **REFERÊNCIAS**

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FISHER, Mark. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- GODELIER, Maurice. Lo ideal y lo material: pensamiento, economías, sociedades. Tradução de A. J. Desmont. Madrid: Taurus Humanidades, 1989.
- HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade; Tradução Jorio Dauster - 1ªed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã; Tradução Paulo Geiger. - 1ªed - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SOMBRA, Laurenio Leite. A pandemia, o ideal e o material. Investigação Filosófica. Macapá, v. 11, n. 2, p. 99-115, 2020.
- SOMBRA, Laurenio Leite. “Capitalismo e relação social: uma rediscussão”. Revista Húmus vol. 12, num. 37, 2022.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Da certeza. Tradução Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1969.